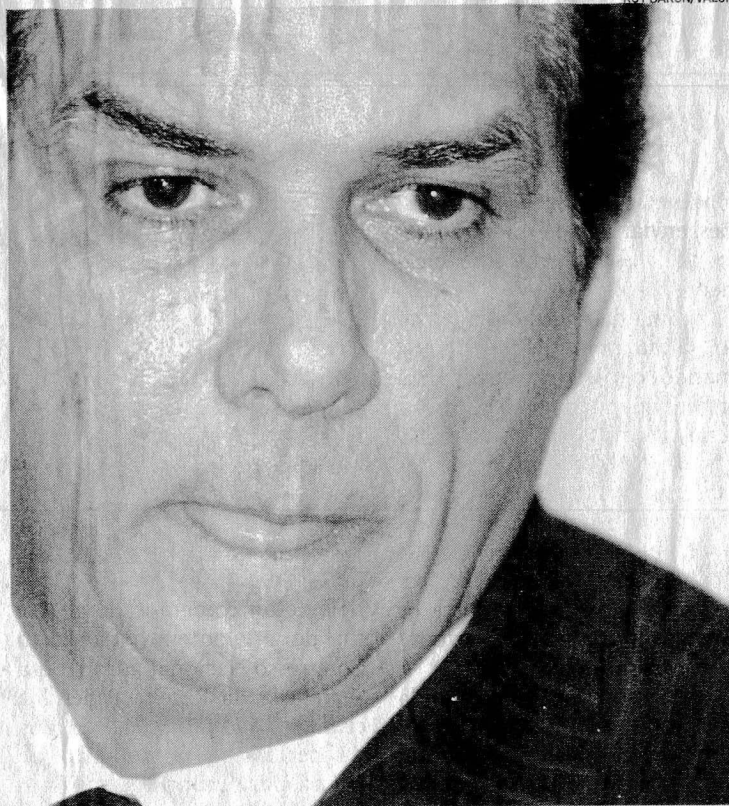


# Jader e ACM chegam ao fundo do poço no Senado

**Ricardo Amaral**  
De Brasília

No mais tenso lance da corrida pela presidência do Senado, líder do PMDB, Jader Barbalho (PA), rasgou o script e, pela primeira vez desde que entrou em luta aberta contra o presidente Antonio Carlos Magalhães, trocou os lances frios pela reação emocional. Acusado mais uma vez ser "o responsável pela corrupção na Sudam", Jader deixou o gabinete e foi ao plenário fazer um discurso em que a mais leve acusação ao adversário foi chamá-lo de chantagista. Transtornado, deixou o plenário sem ouvir a tréplica de Antonio Carlos, que o chamou de fujão. Começa a fugir também o favoritismo de Jader, na direção de um segundo nome do PMDB, indicado por ele, e que não se chama José Sarney.

A troca de ofensas entre Jader e Antonio Carlos paralisou o plenário e estendeu-se por mais de três horas. A disputa entre caciques está dividindo a base política do governo e levando para o ralo a imagem do Congresso, na avaliação de boa parte dos senadores. Num pronunciamento curto, mas incisivo, a líder do Bloco de Oposição, Heloísa Helena (PT-AL), mostrou que os senadores podem acabar buscando uma solução própria, que não contemple nenhum dos dois rivais. "A ética não pode ser um código de moral particular, que se berra ou silencia-se de acordo com as conveniências", afirmou. "Se o as-



O líder do PMDB, Jader Barbalho: "Não me chamo Antonio Carlos Magalhães"

sunto está sendo debatido hoje é por que foi represado exatamente pelos líderes dos partidos que disputam o comando".

A estratégia do PMDB para manter Jader Barbalho preservado das acusações de Antonio Carlos foi traçada na noite de anteontem. O senador foi aconselhado a não comparecer ao plenário ou outros locais em que o adversário pudesse provocá-lo. Também foi decidido que o senador Pedro Simon (RS), pré-candi-

dato do PMDB à Presidência da República e tradicional combatente contra a impunidade, faria um discurso ontem para defender, ao mesmo tempo, Jader e o ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra, também na linha de tiro do caso Sudam.

Simon argumentou que Bezerra demitira todos os envolvidos nas denúncias de desvio de financiamentos da autarquia, mas provocou Antonio Carlos: "Ninguém pode vencer todas, na de-

mocracia é preciso reconhecer o direito do outro", afirmou, referindo-se diretamente ao veto imposto à candidatura Jader.

Antonio Carlos retrucou pedindo que fossem registradas em ata novas denúncias de corrupção na Sudam que teria recebido ontem. Jader saiu então do gabinete para dizer que não era responsável por nenhuma das decisões tomadas por quem havia indicado. Disse que Antonio Carlos "é o responsável pela criação do Proer, para salvar o Banco Econômico de seu sócio Ângelo Calmon de Sá". Acusou-o de ter chantageado o governo para isso, "ameaçando contar o que sabia sobre os problemas do Banco Nacional", e de controlar a empreiteira OAS por meio de laranjas. "Se sou um senador de R\$ 30 milhões, ele é de mais de R\$ 65 milhões", disse Jader.

Jader saiu do plenário esbravejando contra o adversário, que subira à tribuna: "Não vou ouvi-lo mais". Na tréplica, Antonio Carlos disse que empreiteiras como a OAS "se puderem corrompem mesmo", o que expôs ainda mais as relações incestuosas entre empresas e políticos. Em seguida ao pronunciamento, irritou-se e avançou contra um jornalista que comentara: "Ele o chamou de ladrão". Dedo em riste, exigiu respeito. Em seu gabinete, Jader reconheceu ter cometido um erro político. "Mas ou defendo minha honra ou não poderei exercer a presidência do Senado", desabafou.

07 DEZ 2000

VALOR